



A INFLUÊNCIA DA IDADE MÉDIA EM NOSSOS DIAS: CULTURA, REPRESENTAÇÕES E FESTIVIDADES

Angela Omati Aguiar Vaz¹

Eliane Guimarães de Campos Prates²

RESUMO

O período medieval apesar de representar a gestação do mundo moderno, nas identidades sociais, políticas, religiosas e também culturais, foi por muito tempo negligenciado e erroneamente chamado de Idade das Trevas.

Palavras-chaves: Idade Média, Carnaval, identidades, Igreja Católica.

Abstract:

Despite representing the gestation of the modern world in social, political, religious and cultural identities, the Medieval Age was long neglected and erroneously called the Dark Ages.

Key-words: Middle Ages, Carnival, identities, Catholic Church.

O presente trabalho tem por objetivo a reflexão sobre como, sem nos apercebermos, a Idade Média está presente em nossos dias.

Pensar a Idade Média é termos a certeza de uma convivência de populações impregnadas de tradições mentais diferentes: pagã céltica, romana, germânica, bizantina, muçulmana, judaica, entre outras. O período abrange cerca de mil anos, com a Igreja Católica Apostólica Romana desempenhando o elemento que possibilitou a articulação entre as várias sociedades.

¹ Mestre em Educação. Professora e coordenadora do curso de História da Faculdade Don Domênico. Pós-graduada em História econômica do Brasil atual: 1930-1985; História; Desenvolvimento econômico e urbanização em São Paulo; Metodologia e Didática do Ensino Superior. Historiadora e pedagoga.

² Mestre em Educação. Professora do curso de História da Faculdade Don Domênico. Historiadora. Professora aposentada estadual e do município de Santos. Membro do grupo de estudos Liame, do mestrado da Universidade Católica de Santos.

Em 2013 o mundo assistiu surpreso a abdicação de um papa e a eleição de um sucessor. Este tem se mostrado diferente de todos os seus antecessores, a começar pela nacionalidade, argentino, e também pela postura. Francisco, o nome adotado pela primeira vez, o seu jeito despojado e o discurso improvisado, mostrou a todos que novos tempos estavam se apresentando. O medieval São Francisco inspirou ao Papa, provavelmente porque trouxe uma nova interpretação mais missionarista, de atuação dentro do mundo, de pobreza evangélica, de fraternidade, de simplicidade e de humildade.

Mas por que tanta surpresa em pleno século XXI? Não são apenas notícias vindas do Vaticano que ainda comovem e envolvem a população mundial. Muitas outras influências medievais se fazem presentes em nossos dias. A tal Idade Média, tão mal interpretada e compreendida, modificou de tal forma tanto o trajeto do mundo ocidental como o oriental.

Há muitos anos os estudos medievais ocupam um posto de destaque na historiografia mundial. O período popularizou-se na atualidade devido filmes e livros cujas temáticas nos remetem ao medieval. Rei Artur, Mago Merlin, Santo Graal, Avallon, Joana D'Arc, as Cruzadas, Peste Negra são alguns dos assuntos temas de *best-sellers* e de filmes de gordas bilheterias. A literatura e a filmografia moderna apresentam sucessos inspirados em temas medievais, como *O senhor dos anéis*, *O nome da Rosa*, *Vikings - os conquistadores*, *Excalibur*, *Camelot*, *Feitiço de Águila*, *Em nome de Deus*, *Coração Valente*, *As brumas de Avalon*, *O incrível exército de Brancaleone*, entre outros. Não podemos deixar de ver traços do período em *Guerra nas estrelas*, *Os caçadores da arca perdida*, *Highlander* e *Harry Potter*, seja nas armas, como nas roupas ou na temática.

Os períodos históricos posteriores foram responsáveis pela má fama do período, no entanto, representa a gestação do mundo moderno. As universidades, bancos, o relógio mecânico, óculos, as ordens monásticas, a arte gótica, o canto gregoriano, a expansão marítima, a letra cursiva, as festas religiosas, são, entre muitas outras, contribuições que a Idade Média nos deixou.

Como Hilário Franco Junior ressalta, a democracia ocidental é mais medieval do que grega, já que na Grécia era para uma reduzida população nas cidades-estados, que podiam participar diretamente do processo.

Após o ataque à Nova Iorque em 2011, Osama Bin Laden, o chefe da rede Al Qaeda, fez referência à humilhação que os muçulmanos sofreram no início do século

XX, com a derrota da última potência muçulmana, o Império Turco Otomano. Todo o processo de nascimento e crescimento islâmico e seus efeitos são frutos dos tempos medievais.

Ao aceitar-se limitado, pré-determinado e narrativo, o conhecimento historiográfico traz à cena muitos conceitos úteis para compreender a rede que dá sentido à História que lemos nos livros. Um deles é o de representação. Representar é colocar-se no lugar de um ausente. Mais que isso, representar é (re) construir. Quando representamos o real num exercício de história, utilizamos vários níveis de mimese, a habilidade imitativa das narrações. O historiador só toca a realidade por meio de indícios, pois a objetividade dos fatos passados em si, é incognoscível. Representações são importantes porque determinam práticas sociais. Pensando nos fatos históricos, imaginamos a tarefa de reuni-los, em testemunhos e de ler os dados que nos apresentam a partir de várias referências.

GARCIA, assim se expressou sobre a “verdade científica”:

“Fui aprendendo que só se vê o que se crê ou dito de outra forma, que o que não se compreende não se vê, fui começando a ver o que antes não via, na medida em que o que até então acreditava ser a verdade científica, era na verdade, uma verdade provisória, pois só se mantinha como verdade até que outra verdade (que passava a ser mais verdade) jogava aquela então verdade no limbo das não verdades. Eu ia aprendendo que a ciência sempre se fez e continua se fazendo por rupturas e que é um espaço feroz de luta por poder – o poder de deter a verdade”. (2001, p.115)

Dentre as contribuições do Medievo que se esboçam nas identidades sociais do hoje, nos reportamos a uma festa popular, o carnaval e ao surgimento do livro dentro de imaginários diferentes que se adaptam a um sentido em cada tempo onde a sociedade traduz visões que coexistem, superpõem-se como forças reguladoras do cotidiano.

Nos primeiros anos da Igreja medieval durante a gestação das festividades da chegada da quaresma a Igreja se mostrou bastante aberta quanto a certas celebrações lúdicas, considerando-as boas e necessárias ante a chegada dos dias de recolhimento e abstinência que implicavam no espírito da quaresma.

Foi o carnaval um acontecimento que sintetizou o conteúdo de todas as festas do inverno e concentrava muitos ritos e elementos de origem pagã ou pré-cristã. O mês de fevereiro havia sido o mês de celebração das Festas Lupercalia Romanas, celebrações que estiveram relacionadas a fertilidade. Foi o papa Gelásio I quem as proibiu e condenou no ano de 494 d.C.; este quis cristianizar a citada festividade e pôs em seu lugar o 14 de fevereiro data em que havia sido martirizado e morto um cristão chamado Valentin no ano de 270 d.C. No mês de março os romanos celebravam as festas Liberalia, um antigo deus da fertilidade e do vinho. A antiga Roma o celebrava

em torno do dia 17 de março celebrando sacrifícios, procissões, canções obscenas, com máscaras colocadas nas árvores; estas festas também foram similares a celebração dos “bacanais”, festejos em honra ao deus do vinho Baco-Dionísio, sendo essas festas licenciosas que duravam várias semanas durante as quais se passeava em triunfo pela cidade e durante as quais se cometiam as maiores obscenidades.

Foi uma combinação destas festas o germe do que será o carnaval cristão na Idade Média.

Singularidade do carnaval medieval foi o desfile de disfarces ou máscaras, paródias e danças. Chegou a formar teatralizações próprias, “senhores do grotesco” que utilizavam como argumento a ridicularização dos costumes ou formas cotidianas, episódios conhecidos de escândalos da vida local e outros temas que por sua maneira de encená-las provocavam risos incontroláveis e a burla geral.

Esta capacidade de crítica junto a outros excessos permissíveis é a chave da enorme popularidade do Carnaval na Alta e, sobretudo Baixa Idade Média. A Igreja nos primeiros tempos permitia esta paródia compreendendo que o carnaval era um tempo para suavizar e aliviar ressentimentos, aceitando-a como uma festa muito necessária para acalmar tensões. Entretanto no final do medievo a Igreja endureceu as medidas com respeito a estas celebrações para restaurar seu poder junto aos fiéis, uma vez que já se instalaram as monarquias, sendo o conservadorismo da contrarreforma que tentou terminar com estes ritos pagão-cristãos.

O livro medieval, tanto em sua condição manuscrita quanto impressa, contém crônicas, anais, poemas, sermões, etc.. e podia conter imagens relacionadas ou não ao conteúdo do texto. Podemos afirmar que foi uma herança de um importante momento de formação dos novos tempos.

É importante destacar o simbolismo que o livro medieval adquiria uma vez preparado pelos seus patrocinadores e atores. No período em estudo, o conceito de ator representava o patrocinador ou o copista de uma obra. Por outro lado o conceito de autor representava o personagem principal ao qual a obra se referia. Além disso, sobre o conceito de ator, devemos recordar que o patrocinador é mais significativo que o ator, já que aquele determina o objetivo e as formas materiais e visuais dos novos objetos.

Nesse sentido, vale recordar a perspectiva da memória social analisada por Jacques Le Goff, durante a qual ocorre um processo em que a sociedade renova e reforma sua compreensão e entendimento do passado para adaptá-la ao seu presente. Vale a pena a respeito recordar sua análise sobre a perspectiva da formação social da

memória social. Portanto (o livro) compreendemos essa tradição textual como um produto cultural e mais especificamente como pertencente ao comportamento político cultural no medievo.

Durante esse período, existiu uma cultura do livro, que hoje somos capazes de identificar não somente pelos próprios exemplares que sobrevivem por séculos e que hoje temos à nossa disposição, mas também através de diversos documentos tais como arquivos de chancelaria, iluminuras medievais, referências literárias, entre outros. Em uma sociedade como a do período medieval, o simbolismo se fazia presente e era necessário para a compreensão daquele mundo.

Podemos considerar que o livro, invenção do medievo, é um elemento que faz parte da estrutura interativa da sociedade e que se mantém através de retransmissões e práticas sociais e que são mantidos por formações culturais e comunicações institucionais.

Através da articulação entre memória, cultura e sociedade, as funções da memória cultural são preservar a acumulação do conhecimento; igualmente representar o suporte especializado através do qual é difundida; além de ser uma referência obrigatória no sentido formativo e normativo.

Para Jacques Le Goff, a Idade Média começa com a aparição do livro-codex, caderno ilustrado e costurado escrito à mão, que substituiu o pergaminho no final do século IV.

Se a Idade Média não inventou a escola, sem dúvida alguma ela a transformou profundamente. O triunfo das religiões relevadas a orientar o ensino de maneira nova redefiniu seu conteúdo e sua hierarquia.

Nascido à sombra dos palácios, das igrejas, das sinagogas e das mesquitas o ensino medieval não se contentou em reproduzir e transmitir os saberes religiosos. Ela renovou seu corpo de textos, seus conhecimentos e seus métodos de ensino. Ela propôs a questão da natureza universal da ciência e o papel que lhe deveria reservar a sociedade. A Idade Média permitiu a emergência do intelectual (Jacques Le Goff) e da filosofia. Veremos instituições escolares sobre um vasto espaço que se estende da Escócia à Etiópia e da Andaluzia à Índia.

As escolas presentes desde a Antiguidade Tardia, herança comum dos mundos árabes, judeus e cristãos, tem a figura do mestre no coração da transmissão do saber. Durante o período da antiguidade tardia uma cidade dominava as demais em termos de transmissão e circulação de saberes: Alexandria. Esta cidade é, com efeito, herdeira do

sistema de ensino greco-romano, mas, também um dos principais lugares onde os saberes antigos são progressivamente corrigidos pela doutrina cristã.

Ao início do século IX, na ocasião da renascença, no seio do Islã e dos espaços carolíngios e bizantinos, em numerosos centros de ensino, regras novas rompem com o sistema educativo da antiguidade e se colocam em seu lugar. Desenvolvem-se no período medieval: colégios e madrasas, studios e cenáculos, yeshiva e didaskalon, escolas e universidades.

Estas instituições estabelecem-se como lugares privilegiados da transmissão do conhecimento. Na segunda metade do século XI, o vizir Nizam-al-Mulk estabeleceu em inúmeras vilas do Iraque e do Irã novos estabelecimentos, as madrasas: lugares de ensino, ricamente dotadas, suscetíveis de assegurar uma retribuição permanente aos mestres e ajuda aos estudantes. No fim da Idade Média, de Fez à Delhi, cada grande vila mulçumana possuía seu complexo de madrasas. Assim o saber se difundia junto a um público que aumentava.

A partir do século XIII o Ocidente latino conheceu por sua vez, uma mudança da organização de seu sistema educacional. As primeiras universidades nasceram da semelhança com corporações de escolas urbanas. O tempo das Universidades era acompanhado de uma valorização nova dos mestres e da autoridade do livro. Os estudantes liam, em princípio, a Bíblia, mas não somente ela. As primeiras bibliotecas universitárias colocavam à disposição os textos essenciais, tanto religiosos como profanos. O ensino estava em primeiro lugar.

Os novos métodos de ensino contribuíram à criação de novos corpos de textos. Foi em Alexandria, entre o IV e o VII séculos, que o ensino se organizava em torno de alguns textos de referência que estruturaram os principais campos do saber profano: Aristóteles para a Lógica e a Filosofia, Hipócrates e Galileu para a Medicina, Ptolomeu para a Astronomia, Euclides para a Matemática.

Desde o século V, o corpus alexandrino foi traduzido em siríaco e persa. A partir do século VIII, traduzido para o árabe e a partir do século XII, para o latim. O califa abássida, no século IX, apresentou os árabes como restauradores e continuadores dos estudos dos gregos antigos. Esta ideia foi reprisada no ocidente latino dos séculos XII e XIII. As autoridades traduzidas permitiram a renovação dos saberes tanto em Direito como em Teologia, Medicina, Astronomia, Geografia e Filosofia. Vemos uma idade média plural e multicultural.

Pensarmos que cada período e cada sociedade projetam sobre suas escolas, suas próprias normas, seus ideais, vê-se que o ensino foi uma prática viva onde se encontravam a fé e as culturas na Idade Média. Da confrontação dos conhecimentos revelados e das ciências profanas emergentes, na forma de conhecimentos novos, nasceu o objetivo do progresso espiritual e a afirmação de uma ética.

A estrutura das universidades, formadas pelas faculdades e dirigida pelos reitores, como também a pedagogia com debate de textos e aulas expositivas, além da concessão de títulos com bancas examinadoras e as bolsas de estudos para os mais carentes, são medievais. Em 1179, o Concílio de Latrão determinou que junto às igrejas criassem uma escola. A Igreja Católica encubiu-se da educação, desde a infância até o ensino superior. A mesma missão foi ocupada pelo Islamismo, visto que a mais antiga unidade de ensino, nos moldes de uma universidade, foi criada por uma mulher, Fatima al-Fihri, na cidade de Fez, no Marrocos, em 859. A segunda mais antiga no Egito, fundada entre 970 a 972, foi referência em literatura árabe. Já a primeira do mundo ocidental seria a de Bolonha de 1088.

Hilário Franco Junior contextualiza os quatro movimentos que principalmente caracterizam a Modernidade a saber, Renascimento, Protestantismo, Descobrimentos e Centralização nascidos em sua essência no medievo. O Renascimento recorreu aos modelos culturais clássicos preservados na Idade Média. O Protestantismo seria uma heresia que deu certo e que gerou várias outras práticas religiosas, presentes até nossa época. Os Descobrimentos foram possíveis graças às técnicas náuticas, tais como bússola, astrolábio, mapas e construção naval desenvolvidos também no período medieval. Lembrando também das viagens à China (Marco Polo) e das viagens normandas ao Oriente e à própria América. Segundo ainda Hilário, Colombo seria muito mais “medieval” do que “moderno”, visto que desejava a difusão do Cristianismo e o Oriente atraía-o por acreditar estar o Paraíso Terrestre. Quanto a Centralização Política já era um objetivo dos reis medievais. O chamado Antigo Regime é a presença da Idade Média na Idade Moderna com os elementos que o compunham: monarquia absolutista, sociedade estamental e capitalismo comercial.

Como afirma FRANCO JÚNIOR, devemos a Idade Média nosso patrimônio linguístico ocidental:

“...Uma terça parte da população mundial, isto é, 2 bilhões de pessoas pensa e se exprime com instrumentos linguísticos forjados na Idade Média. De fato, ao lado do latim legado pela Antiguidade – e durante a Idade Média empregado nos ofícios religiosos, nas atividades intelectuais e na administração, mas língua morta no sentido

de não ser mais língua materna de ninguém – , no século VIII nasceram os idiomas chamados de vulgares, falados cotidianamente por todos, mesmo pelos clérigos. Correndo o risco de simplificar em demasia um processo longo e complexo, podemos dizer que aqueles idiomas se formaram da interpenetração – em proporção diferente a cada caso – do celta, do latim e do germânico.” (FRANCO JUNIOR, 2006, p. 158).

A lista de elementos criados ou difundidos no período é longa:

“...Lembremos alguns: calça comprida (século V), atrelagem rígida de animais de tiro, ferradura (ambos do século X), colher (século XI), álcool (Ca.1100), atrelagem animal em fila, moinho de vento, leme vertical, chaminé, tear com pedal (todos do século XII), camisa com botão (Ca. 1204), óculos (Ca. 1285), roda dentada (1298), carrinho de mão, ferro fundido, luneta, serra hidráulica, macaco-elevador, roda de fiar, espelho de vidro (todos do século XIII), fole hidráulico (1311), garfo, relógio mecânico (os dois do século XIV), portulano e imprensa de tipos metálicos móveis (século XV).” (FRANCO JUNIOR, 2006, p.163).

Podem-se acrescentar outros, tais como o julgamento por júri e o *habeas-corpus*, os hospitais, a maior eficiência do sistema bancário, a notação musical, a música polifônica e os romances. O cumprimento com a mão direita estendida nada mais é do que o gesto da paz social da época feudal (significando que não estou armado), o individualismo próprio das sociedades atuais e as peregrinações a locais considerados santos são outras heranças que nos foram deixadas pelo medievo.

A burguesia nasceu como marginal, não no sentido de contra a lei, mas fora da estrutura social clássica medieval, formada pela nobreza e servos, desenvolvendo-se com o crescimento do comércio. Tomou-se o caminho da cidade e o tráfico comercial se organizou. Passou a ocupar papel de destaque no período moderno e na contemporaneidade é a força que comanda a estrutura social.

“A sociedade burguesa de nossos dias, que emergiu dos escombros do feudalismo, não eliminou os conflitos de classes. O que fez foi apenas substituir as antigas formas de luta por outras novas, com classes sociais e novos meios de opressão. (...) Dos servos da Idade Média provieram os burgueses privilegiados das cidades antigas. E destes primeiros burgueses descenderam, por sua vez, os primeiros elementos da atual burguesia.”
(...) O feudalismo com sua produção industrial circunscrita a grupos monopolísticos fechados, já não podia atender à crescente demanda dos novos mercados. A produção manufatureira ocupou seu lugar. E os mestres das corporações foram substituídos pela pequena burguesia industrial e a divisão do trabalho, no interior mesmo das fábricas.” (MARX/ENGELS, p. 20).

O período de mil anos da Idade Média, do século V ao XV, foi um tempo de religiosidade muito forte e apesar de não termos vivido nesta época, não podemos negar nossas raízes cristãs que passaram a influenciar nosso modo de ser e de pensar. Nossa colonização portuguesa trouxe essas características, hábitos, tradições e instituições. A família patriarcal, a literatura de cordel nordestina, o calendário com a grande maioria de feriados oficiais de origem religiosa medieval, as irmandades, o culto aos santos, o sentimento messiânico como Canudos e as superstições são algumas características que nos remetem no tempo.

“Os dois elementos culturais que enquadram a consciência de nacionalidade são de origem medieval. O nome de nosso país vem da “ilha afortunada” O’Brazil, identificada nos séculos XIV-XV com as Canárias, antes de sê-lo com a América. A tradicional associação da terra descoberta por Cabral com a madeira tintorial aí encontrada (o pau-brasil) desconsidera que a própria madeira tirara seu nome da mítica ilha medieval. O idioma, obviamente, é aquele introduzido e imposto pelos colonizadores, idioma que, como todos os do mundo ocidental, nascera na Idade Média.” (FRANCO JUNIOR, 2006, p.168).

As festas juninas foram introduzidas na época colonial pelos portugueses no Brasil. O surgimento dessas festas tem a ver com as comemorações pagãs à fertilidade e colheita na época do solstício do verão europeu (24 de junho, dia de São João). Conhecidas como festas joaninas para homenagear João Batista, primo de Jesus, que segundo as escrituras bíblicas, batizou Cristo. Estas festas são hoje uma característica marcante na cultura popular brasileira. Isso se deu devido a influência do medievo na Península Ibérica, notoriamente em Portugal.

Apesar das rotulações que acabaram deixando o período conhecido como “Anos Escuros” ou “Idade das Trevas”, essa perspectiva não positiva nasceu com os intelectuais renascentistas, que negaram o mundo feudal devido o pensamento racional em detrimento do religioso.

O século XX repensou o discurso pessimista e o campo historiográfico sofreu transformações que acabaram apontando a riqueza de pesquisa que mostraram um rico universo das principais estruturas mentais, sociais, políticas e econômicas. Um atento olhar nos revela que podemos colocar a Idade Média sob outra perspectiva, mais despida de preconceito.

BIBLIOGRAFIA

BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico*. Trad. Port. Lisboa: Verbo, 1972.

CALLEJO, J. *Fiestas sagradas. Sús Orígenes, ritos y significado que perviven em la tradición de los pueblos*. Madrid, 1999.

CAROBAROJA, J. *El Carnaval*. Madrid, 1979.

CHARTIER, Roger. *História cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FRANCO, Hilário Junior. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GARCIA, Regina Leite. *Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio de Janeiro: ENDIPE, DP&A, 2001.

HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LE GOFF, J. *Tempo, trabalho e cultura na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global Editora, 1981.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994.

PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.